



# ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

DEPOIS ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA - ATUAL ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ

BOLETIM OFICIAL

Rio de Janeiro, Mai/Jun/1987 - Ano XXVI - Nº 98

## ANEDOTAS E FATOS PITORESCOS DA ESCOLA POLITÉCNICA

(do livro "História da Engenharia no Brasil"

do Engº Pedro C. da Silva Telles)

Na Escola Politécnica, como em qualquer outra comunidade humana, principalmente sendo mais do que centenária, muitas são as histórias, as anedotas e os fatos pitorescos que são contados.

Na época em que os trocadilhos estiveram em moda, passaram pela Escola pelo menos dois eméritos trocadilhistas, um professor e um aluno: o saudoso catedrático de Física, Dr. Dulcídio de Almeida Pereira, e o conhecido cronista dos *Pingo e Respingos* do jornal *Correio da Manhã*, Manuel Bastos Tigre, que talvez pouca gente saiba que era engenheiro formado, da turma de 1905, a mesma do Professor Eugênio Gudín.

Os trocadilhos do Prof. Dulcídio fluíam às dezenas, alguns improvisados e outros aproveitando o assunto das aulas, repetidos e esperados todos os anos na mesma ocasião. Tendo engordado bastante depois de mais velho (como acontece aliás infelizmente com muitas pessoas), o Prof. Dulcídio dizia de si mesmo que antes era uma fera, e agora estava uma ex-fera (esfera). Contando, na aula de eletricidade, sobre um cabo (elétrico), que ficou queimado, devido a um curto-circuito, dizia que "chamaram o General Eletric e o cabo ficou soldado". Havia uma professora assistente chamada Sofia Machado Portela, e um bedel Antônio Machado; o Prof. Dulcídio contando que a assistente solicitara uma tela para projeção dizia que a "Sofia pediu a Machado por tela (Portela)". E aí afora iam saindo os trocadilhos, confundindo "estabilidade" com "esta habilidade", "decorativa" com "de cor ativa", o "louco motiva", com "locomotiva", "verificar" com "vêr e ficar", etc, etc \*

Conta-se que, certa vez, o Prof. Dulcídio topou de surpresa com outro trocadilhista, e chegou a ficar meio embaraçado: foi em uma ocasião em que um aluno chegou muito atrasado na aula, e quando entrou o Prof. Dulcídio perguntou-lhe: "Seu relógio acorda (há corda)?" ao que o aluno impertubável respondeu com outro trocadilho: "Meu relógio acorda (há corda) mas não amola (há mola)".

---

\* A lembrança de muitos desses fatos devemos à memória privilegiada do Prof. Antônio José da Costa Nunes, a quem muito agradecemos.

Dizia-se, ainda, que o Prof. Dulcídio teria falado um dia, para enfatizar a importância de sua cadeira, que "Engenharia nada mais era do que Física mais bom senso", ao que alguém maldoso ou irreverente acrescentou: "de onde se conclui que a Física é Engenharia menos bom senso".

O Prof. Dulcídio também fazia versos. Certa ocasião, a propósito de um Diretor meio atrabiliário que passou pela Escola, e que, entre outras extravagâncias fazia questão de supervisionar pessoalmente os serventes varrendo o prédio, fez a quadrinha:

"Da varredura na lida  
o..... grita e se afoba  
Estava doida essa Escola,  
Agora está doida e varrida".

São muitos os trocadilhos do Bastos Tigre: no tempo em que era praxe exigir que os números notáveis (número  $\pi$ , número "e" etc.) fossem decorados com muitas casas decimais, ele só foi capaz, em um exame de dizer o  $\pi$  com poucas decimais. O professor perguntou: "O  $\pi$  já acabou?", ao que foi respondido "Não, o  $\pi$  não acabou, só no Paraná que o  $\pi$  acaba" (Paranapiacaba).

Ainda é o Prof. Gudin que contou, em uma interessante conferência, que havia no saguão da Escola um quadro onde qualquer um podia colocar avisos, anúncios etc. Um belo dia, surgiu um anúncio em que o Secretário da Escola, João Câncio Póvoa, propunha-se a dar lições particulares de astronomia. O Bastos Tigre vendo o anúncio não perdeu tempo, e puxando da caneta escreveu por baixo: "O raio, o sol, o Póvoa ensinando astronomia! A ciência do nosso secretário é como o pó: Voa!"

Bastos Tigre era também poeta, sendo o autor da famosa estrofe de publicidade do *Rum Creosotado*, dos antigos anúncios nos bondes do Rio de Janeiro. Para homenagear Paulo de Frontin, compôs um célebre soneto no qual as iniciais das palavras do primeiro verso repetiam as do grande engenheiro: "Alçou-se aos Galharins da Peregrina Fama..." (André Gustavo Paulo de Frontin). \* Bastos Tigre colaborou ativamente com poesias e crônicas no jornal estudantil "A lanterna", dos alunos da Escola Politécnica, e publicou, entre outros, o famoso livro de poesias "Saguão da Posteridade", também sobre a Escola Politécnica.

\* Do mesmo poeta-engenheiro temos, entre centenas de outras, a mimosa quadrinha da *Fórmula da Saudade*:

"A saudade é calculada  
Por algarismos também  
'Distância' multiplicada  
Pelo fator 'querer bem'".

Nos tempos antigos da Escola Politécnica, houve um poeta famoso, Soter Caio de Araújo, conhecido por *João da Escola*, que, como disse o Prof. Sydney Santos, "cantou em versos a casa, os professores, a vida acadêmica, os exames, o 'botequim do Trajano', e tudo o mais." Dirigindo-se ao *anexim* (calouro, como hoje é chamado) dizia:

"Anexim, anexim, que coloca os pés  
No primeiro degrau dos cinco dessa escada  
Que é a nossa bendita Escola muito amada,  
Deixa os bares, o teatro, a Avenida, os cafés!"

Quase toda a Congregação da Escola é também contemplada nos seus versos, como por exemplo:

"Fala monotonamente,  
Como quem está doente,  
Sem compreender o que diz.  
Ortiz!

Paula no meio da aula,  
Como leão numa jaula,  
parece galo na rinha:  
Costinha!

Sua sombra projetada  
Merece levar aguada  
Ele, o terror do estudante:  
Bustamante!"

Todos esses versos em um livro com o título *Ex-tudo*, e o subtítulo: *Versos Matemáticos*; logo na primeira página há uma poesia concreta, bem moderna para a época:

"Estudo ?  
Ex-tudo  
Eis tudo!"

Do mesmo poeta e do mesmo livro são também essas estrofes, em que se misturam a namorada e as aulas práticas no Observatório: (43)

#### Distração

Ontem, no observatório, mesmo quando  
Em ti punha o saudoso pensamento,  
"O Sr.," disse o mestre me apontando,  
"Altair", onde está nesse momento ?

Eu que pensava noutra Astronomia,  
Na qual és tu a mais brilhante estrela,  
Respondi, sem notar no que dizia:  
-"Esperando-me ansiosa na janela"

A Escola tinha também os seus tipos curiosos. Talvez o mais conhecido tenha sido o *Chato*, um italiano vendedor de gravatas; amigo de todos, e do qual nouquíssimos sabiam o nome, que frequentou a Escola diariamente durante mais de 40 anos - até cerca de 1950 - infalivelmente com uma pasta na mão e um horrível charuto na boca. Naquele tempo, todo mundo usava gravata, e dizia-se que para passar de ano era precioso comprar pelo menos uma gravata no *Chato*, que tinha, assim, frequência certa. A turma de 1946, prestou uma homenagem a esse velho "colega", e no seu quadro de formatura apareceu o retrato do *Chato* e o seu verdadeiro nome então revelado a todos: Vittorio Israel. Ganhou também, nessa ocasião, uma pasta de couro com uma placa de prata com os dizeres: "Ao colega honorário Vittorio Israel oferecem os seus colegas da turma de 1946". O *Chato* exibia essa pasta a todos com muito orgulho.

O saguão de entrada, onde havia a maquete da *Ponte Paulo de Frontin*, era o ponto de encontro geral. Alguns professores passavam na Escola quase o dia inteiro, e era nesse saguão que todos se encontravam. Ainda no meu tempo, havia dois que ali faziam ponto: o saudoso Prof. Luiz Caetano de Oliveira, sempre com o seu charuto, e sempre pronto a acudir paternalmente e resolver os mais variados problemas que os alunos lhe apresentassem, e o Prof. Octacílio Novais, uma cabeça notável, permanentemente à disposição para substituir qualquer professor que faltasse, qualquer que fosse o ano ou a cadeira: dizia-se que bastava informar-se da cadeira e do assunto da última aula. Outro antigo mestre, que fazia parte do "inventário da Escola", era o Prof. Domingos Cunha, que foi, aliás, um dos pioneiros da mecânica dos solos no Brasil. Dizia-se que tinha sido ele o construtor das pirâmides do Egito, e para as quais o Prof. Caetano fizera os trabalhos preliminares de topografia.

De um desses antigos professores conta-se que tinha o hábito de repetir inúmeras vezes na aula os advérbios terminados em "mente", e a expressão "ponto de vista", sendo costume então dos alunos fazer um "bolo" de apostas para ver quantas vezes a repetição era feita. A dúvida aconteceu em uma aula ao fim da qual o professor disse: "Na próxima aula veremos esse assunto sob um duplo ponto de vista". A repetição valeria por uma ou por duas vezes?

De outro desses velhos mestres (João Felipe Pereira), particularmente severo no julgamento das provas, os alunos aborrecidos com tantas reprovações, resolveram certa vez fazer o enterro simbólico. Obrigado, ao sair da Escola, a passar entre duas alas de alunos em solene silêncio, e depois de frente de um caixão mortuário com o seu nome, o professor não se perturbou: tirou o chapéu respeitosamente, ficou alguns instantes de mão postas como se estivesse rezando, e após, dirigindo-se ao aluno que estava mais próximo, cumprimentou-o polidamente dizendo: "Receba meus sinceros pêsames e faça-me o favor de transmitir os meus sentimentos aos seus demais colegas". Com isso, a vaia que estava programada transformou-se em aplausos.

Dentre os contínuos, bedêis e demais funcionários, havia, também, alguns muito populares: várias gerações de engenheiros conheceram e se lembram, entre outros, do Trajano, da Cadeira de Estradas, do *Galileu* (como é o verdadeiro nome?) da Biblioteca, e do Ludgero, que como recorda o Prof. Sydney Santos, dava aulas práticas de mineralogia a dez mil réis por mês. O funcionário, entretanto, cuja presença foi mais marcante, foi possivelmente o velho Cyrillo \* — Cyrillo José dos Santos — porteiro da Escola durante quase 50 anos. Bela figura de negro, extremamente simpático, educado e atencioso, chamando todo mundo de "doutor", todas as manhãs, de mangas arregaçadas, supervisionava a lavagem do saguão e das escadarias, depois, vestia a sobrecasaca para solenemente esperar o Diretor Paulo de Frontin, a quem acompanhava desde o automóvel. O Cyrillo era pai do saudoso Prof. Raul Elói dos Santos, que era engenheiro e médico, e catedrático da Politécnica e da Faculdade de Medicina.

Muitos fatos pitorescos aconteceram naquele velho casarão. Lembro-me de um certo dia em que foi anunciada uma conferência de um figurão cujo nome não recordo. Na hora marcada, a sala estava cheia e começou a conferência. O conferencista trouxe um grande maço de papéis avulsos, que colocou sobre a mesa, e de onde ia tirando um por um para ler, e depois formar uma nova pilha dos papéis já lidos. Lá pelas tantas houve uma ventania na sala, e voaram todos os papéis, os lidos e os não lidos. Muita gente ajudou a catar os papéis, mas a conferência acabou porque foi impossível colocar os papéis em ordem e separar os lidos dos não lidos, porque não estavam numerados!

Havia um sisudo professor na antiga Politécnica que se gabava de ser um emérito descobridor de "colas", e em cujas provas ninguém "colava". Até que um dia um aluno o desafiou: "Ainda vou 'colar' na sua prova, e é o senhor mesmo quem vai me dar a 'cola'". O professor, é claro, ficou de olho nesse aluno. No dia da prova, lá estava o mestre vigilante, quando uma pessoa desconhecida tentou entrar na sala. O professor barrou-lhe a entrada, perguntando o que ele queria: "Quero entregar esse guarda-chuva àquele aluno". Logo a quem! Justamente ao aluno desafiante! O mestre tomou-lhe o

---

\* É do Cyrillo a seguinte história verídica: em uma recepção em casa de Paulo de Frontin, então Diretor da Escola, estando presente o Presidente Washington Luiz, perguntou este se "aquele preto que estava próximo à janela era o Cyrillo", de quem já ouvira falar. Ante a resposta afirmativa, o Presidente solicitou que o convidassem a vir à sua presença. O velho Cyrillo, cheio de reservas, ao receber o cumprimento do Chefe de Estado, esquivava-se constrangido dizendo: "Mas Excia., dar essa honra a um preto velho, modesto porteiro! Estou sinceramente confundido e sem saber como agradecer a V. Excia.". A resposta acolhedora não se fez esperar: Sr. Cyrillo, o Sr. no exercício de um cargo tão modesto, tanto o dignificou, que o Presidente da República desejava conhecê-lo".

guarda-chuva das mãos dizendo rispidamente: "Eu mesmo entrego". Mal sabia ele que dentro do guarda-chuva ia a "cola"!

A "cola", embora reprovável sob todos os pontos de vista, de uma forma ou de outra sempre existiu, tendo chegado às vezes a requintes de técnica e de engenhosidade. Certa ocasião, chegaram a inventar uma espécie de "teleférico", de uma das janelas do segundo andar da Escola até um café, do outro lado da Rua Luis de Camões. No café ficava um grupo de alunos mais adiantados, que recebiam as questões da prova em um carretel, que deslizava por um fio de linha, pelo mesmo sistema, voltavam até a sala da prova as questões resolvidas, e o professor nada via.

Houve também o caso de um professor que se desentendeu com a turma por alguma razão, e os alunos prometeram ir à forra, o que não demorou muito: alguém descobriu uma antiga tubulação desativada, com ambas as extremidades abertas, uma das quais no porão do prédio, e outra, por coincidência, na sala do tal professor, por trás de um armário. Feita a descoberta, um grupo de alunos se revezava no porão, a boca colada contra a extremidade do tubo, e o professor não conseguia dar aulas, porque a sala se enchia com uma cantoria misteriosa que ninguém sabia de onde vinha!

Alguns professores eram rotineiros, repetindo o mesmo curso a fio, independente da evolução que houvesse na técnica e na engenharia. Conta-se que um desses professores tinha escrito uma apostilha que vinha sendo repetida exatamente já havia 30 ou 40 anos. Todos insistiam para que ele revisasse e atualizasse a tal apostilha; tanto insistiram que o Professor concordou afinal em uma atualização, que consistiu apenas no seguinte: em uma passagem em que era referida uma certa pessoa, ele acrescentou um asterisco no nome da pessoa e uma chamada ao pé da página: "Hoje falecido". Estava feita a atualização!

Mas os fatos pitorescos não se davam só com os professores. Certa ocasião, um aluno mais inventivo descobriu não só uma maneira de subir ao telhado da Escola, como também, o que era mais importante, que de lá se avistavam perfeitamente os camarins das coristas do Teatro João Caetano, que dá para a rua que passa nos fundos da Escola. A notícia desse sensacional achado espalhou-se rapidamente, e dali há alguns dias várias dezenas de rapazes estavam encarapitados sobre o velho telhado, pondo-o até em risco de desabamento com aquela sobrecarga imprevista. Foi necessário uma providência da direção da Escola para impossibilitar essa subida e evitar um desastre.

Não sabemos quando começou, mas o "trote" dos calouros era uma tradição muita antiga na velha Politécnica. Embora censurável, o trote na Politécnica nunca foi violento, sendo principalmente uma brincadeira, às vezes de mau gosto, é verdade, mas onde eventualmente até os próprios calouros chegavam a se divertir. O espetáculo era no Largo de São Francisco, reunindo sempre uma razoável multidão de curiosos e dos muitos desocupados que fazi

am ponto no Largo. Alguns dias antes do trote, e para financiar as despesas do mesmo, os calouros eram "convidados" (obrigados) a comprar os bilhetes de uma rifa da "Estátua de José Bonifácio, em bom estado", estátua essa que está no meio do Largo, bem em frente à Escola. Cada aluno recebia então o *Diploma de Burro*, assinado pelo "diplomado", com a marca de quatro ferraduras, e por um personagem importante da história.

Por ocasião da visita de Mme. Curie à Escola, quando a ilustre cientista realizou uma série de conferências, conta-se que havia um senhor circunspecto, que assistiu a todas, anotando atentamente tudo. Na última conferência, quando o assunto foi aberto pra perguntas e debate, o tal senhor dirigiu-se à conferencista: "Prestei atenção a tudo, e até agora não vi a Sra. falar nada a respeito de rádio, assunto em que estou interessado, por que quero montar um aparelho!" Era no tempo dos *rádios de galena*, e o ouvinte esperava que a descobridora do *radium* desse uma aula sobre aparelhos de rádio!

Mas o anedotário da Escola estende-se também às teses de concurso. Conta-se de certa tese para a qual o autor estudou em bibliografia em inglês, onde se dizia que em tal data fulano descobriu tal coisa, e mais tarde (later) completou etc. O candidato a professor ao fazer a tese não teve dúvida e escreveu: "Em tal data fulano descobriu tal coisa, e Mr. Later completou..." Foi um vexame completo: um dos professores da banca examinadora ar rasou com o candidato dizendo: "O Sr. é um tradutor e um mau tradutor".

Dessas reminiscências da Escola, não pode faltar uma referência aos bares e cafês, onde a estudantada se reunia para lanchar (que para alguns era quase a única refeição), e também para festejar aprovações e reprovacões; nos velhos tempos havia o *Paschoal*, o *Papagaio* e o *Café do Rio*, e mais modernamente o *Java* e o *Gibi*.

### CURSO DE MATERIAIS PARA ENGENHARIA CIVIL E ARQUITETURA

(Coordenação da Escola de Engenharia da UFRJ com colaboração da A<sup>3</sup>P)

O III Curso de Materiais para Engenharia Civil e Arquitetura, teve seu início transferido para o dia 27 de abril de 1987. As aulas serão às 2as, 4as e 5as feiras das 18h30min. às 21h30min. Os interessados poderão solicitar melhores informações pelo Tel.: 221-2936 - Associação dos Antigos Alunos da Politécnica.

NOTAS SOBRE O POSITIVISMO NO BRASIL (II)

Damos prosseguimento nesse número as notas sobre o Positivismo iniciadas no número anterior, apresentando uma resenha de Luiz Sérgio Henriques, sobre o livro de Evaristo de Moraes Filho, "COMTE, INTRODUÇÃO E SELEÇÃO DE TEXTOS", publicado na revista "Encontros da Civilização Brasileira", nº 9 e "O Positivismo no Brasil", de A.X.T., transcrito da Enciclopédia Barsa.

COMTE, INTRODUÇÃO E SELEÇÃO DE TEXTOS, Evaristo de Moraes Filho São Paulo, Editora Ática, 1978

A divulgação de um trabalho sobre Augusto Comte adquire, entre nós, um significado especial: é que a fortuna do positivismo no Brasil constitui um dos aspectos mais singulares de nossa história cultural, não sendo desprezível a presença intelectual de Comte no processo de instauração e vida da República.

Cruz Costa, que lançou as bases para uma compreensão adequada do fenômeno, soube observá-lo em seu movimento contraditório: de um lado, sublinha como os positivistas brasileiros — pelo menos aqueles ligados ao Apostolado de Miguel Lemos e Teixeira Mendes — estiveram freqüentemente distantes da realidade concreta do país, mais preocupados com as peripécias políticas do povo central, ou seja, o francês. De outro lado, enquadrados, ao lado do naturalismo, do evolucionismo, como parcela do movimento de renovação que acompanha a dissolução da sociedade imperial e que jogou — como observa Antônio Cândido, com a argúcia costumeira — "uma função social em prol da menta-

lidade científica e uma orientação intelectual, liberta do formalismo colonial e do beletrismo romântico. No Brasil de então, as ciências andavam relegadas para o segundo plano, preteridas no ensino, confinadas a poucos especialistas desajudados do governo e ignorado da opinião pública. O seu advento coincidiu com o movimento crítico, a ascensão da burguesia e o predomínio do espírito urbano sobre a mentalidade ligada ao domínio rural" (citamos de acordo com Cruz Costa, *Pequena História da República*, Rio de Janeiro, 1974, p.26)

A trajetória do positivismo brasileiro vai, além disto, possibilitar a emergência de outras situações no mínimo curiosas. Que se recorde, de passagem, Leônidas de Resende que, ainda em 1932 — com *A Formação do Capital e seu Desenvolvimento* —, buscava conciliar o inconciliável, o positivismo e o marxismo. É mérito de Evaristo de Moraes Filho, autor da introdução e organizador do volume de que se ocupa esta resenha, ter apontado para algumas destas conexões: "Sua influência (a de Comte - LSII) foi imensa em alguns países latino-americanos (México, Chile), chegando, no Brasil, onde foi mais marcante, a ser um dos fatores mais importantes na proclamação da República, na escolha de sua bandeira (cores e lema), em muitas de suas diretrizes constitucionais e no próprio espírito informativo da legislação do trabalho, ainda hoje marcadamente getuliano. Mais do que uma doutrina, chegou o positivismo no Brasil a ser um estado de espírito, revolucionário a princípio, conservador depois" (p.38).

No âmbito da tradição histórica-filosófica, Comte ocupa um lugar interessante. Não tem dúvida que está ligado a um movimento de valorização da ciência que pretendia expulsar do âmbito da *ratio* a pesquisa das causas primeiras e finais, as dimensões do transcendente e do sobrenatural, que obstaculizavam a plena afirmação da *atitude desentropomorfizadora* típica de ciência. Por este lado, a obra de Comte é um sintoma da decadência da explicação religiosa do mundo, flagrante no século XIX. No filósofo de Montpellier, contudo, está presente desde o início o fundamento de uma nova religião "racional", a religião da Humanidade, paródia do misticismo de Saint-Simon. Dos opúsculos juvenis, por exemplo, é possível retirar a afirmação segundo a qual "No sistema a constituir, o poder espiritual ficará nas mãos dos cientistas, e o poder temporal pertencerá aos chefes dos trabalhos industriais" (*apud* Evaristo de Moraes, *Comte*, p.193). Nas obras maduras, este poder espiritual vai explicar-se nas formas equívocas de uma religião da Humanidade, às quais acarretarão, no plano científico, uma série de obstáculos à postura desentropomorfizadora e, no plano político, a aceitação sem problemas das características da sociedade burguesa, estilizada como o estado normal e verdadeiramente positivo da humanidade.

Isto significa, pura e simplesmente, que a metafísica, banida pela porta, entra pela janela e se constitui no suporte mesmo da concepção comteana da ciência. Tomemos o caso da sociologia: aqui, a aceitação das formas de vida burguesa está no cen-

tro mesmo da nova ciência, que vai ocupar um lugar chave na escala enciclopédica de Comte. Nas palavras de Marco Aurélio Noqueira, "a emergência da sociologia como ciência autônoma foi socialmente necessária, correspondendo ao interesse da burguesia em encontrar sua 'autoconsciência' e em impedir o conhecimento da situação concreta. Assim, a sociologia emerge como instrumento de conservação da ordem, num estágio dado do desenvolvimento das lutas de classe e da sociedade burguesa: num momento em que o 'verdadeiro capitalismo' se completa, aproximando-se de sua fase imperialista, em que a burguesia consolida seu poder político e em que o proletariado encontra sua expressão ideológica no socialismo e no marxismo. Em outros termos, a sociologia nasce como uma resposta burguesa aos problemas e contradições colocados pela objetivação do capitalismo na Europa" (cf. "Anotações Preliminares para uma História Crítica da Sociologia". In: *Termas*, nº 3, São Paulo, 1978, pp.40-41).

Isto posto, torna-se bastante precária a posição daqueles que buscam separar em Comte o bom (a sociologia, a reflexão sobre a ciência de um modo geral) e o ruim (exatamente a parte "religiosa", o rígido conservadorismo). (...) "A adoção de um tal ponto-de-vista abre espaço para afirmativas, como a que se segue, inteiramente inaceitável: "Realmente, sociologia e socialismo foram contemporâneos e produtos das mesmas causas sociais de crise, com a única diferença de que o segundo parte de pontos prestabelecidos, com um mínimo de ciência desinteressada para um

máximo de prática imediatista. A primeira dança-se mais no *Sein*, ao passo que o segundo começa desde logo do *Sollen*" (cf. Augusto Comte e o pensamento Sociológico Contemporâneo, Rio, 1957 pg. 239)

Feitos estes reparos ao livro de 1957, não tem dúvida que ele funciona como a credencial de um escritor que está até mesmo filologicamente preparado para organizar uma antologia de textos de A. Comte. Neste último trabalho, aliás, deve-se ressaltar que o *distanciamento crítico* em relação a Comte está assegurado, ao menos parcialmente, pela incorporação de algumas posições fortemente críticas dessa versão "clássica" do positivismo (o Marcuse de *Razão e Revolução*, por exemplo), mesmo que Evaristo de Moraes mantenha um tom, digamos, *compreensivo* diante das "conquistas científicas" do filósofo de Montpellier. O organizador brasileiro, agora, mostra-se de qualquer modo apto a sublinhar o rígido conservadorismo do filósofo, que inviabiliza suas propostas de "regeneração social". Vejam-se, sob este ângulo, as palavras finais da introdução: "Válidos ou não os seus ensinamentos teóricos (os de Comte - LSH), eficaz ou não a sua filosofia social, não vem fora de propósito recordá-lo como representativo da primeira metade do século XIX, século de todas as lutas, de todas as ideologias, com plena consciência de si mesmo e de que ali se forjava o futuro da humanidade. Pela primeira vez, na história, compreenderam os homens que podiam fazer a sua própria história. A sociedade industrial encontra-se ainda hoje, tal como escrevia Comte em

1851, 'em plena revolução', e praticamente com a mesma problemática na ordem do dia. A solução é que pode ser outra" (p. 39).

Não se pode deixar de saudar, neste trecho de Evaristo de Moraes Filho, a adesão tácita a esta "outra solução", fundamentalmente antagônica à de Comte e seus netos: sabemos, afinal, que a "solução" comteana implicaria na *barbárie*, ainda que "refinada" pelos procedimentos burocrático-manipulatórios dos quais as diversas versões do positivismo nada são além de síntese e expressão consumada no plano da teoria.

Luiz Sérgio Henriques

x

(4) "O Positivismo no Brasil. A história do Positivismo no Brasil tem importância especial para a evolução das idéias no país. Foi sob o patrocínio do Positivismo que, em grande parte, se fez a preparação teórica da implantação da República. Vários dos mais destacados propagandistas republicanos eram positivistas e, nos primeiros anos que se seguiram à queda do Império, ocuparam posições de relevo na administração pública. No setor político, a atuação de Benjamin Constant, positivista e republicano, fez-se sentir grande número de oficiais, principalmente do Exército, e de civis que mais tarde exerceram postos de comando na vida brasileira. No Rio Grande do Sul, cuja primeira constituição republicana era fortemente marcada pela doutrina de Comte, ocupou o governo o positivista Júlio de Castilhos, que foi sucedido por outro, Antônio Borges de Medeiros. Na chefia do execu-

tivo de outros Estados também estiveram positivistas: Lauro Sodré, no Pará; Barbosa Lima, em Pernambuco; João Pinheiro, em Minas Gerais, para citar apenas alguns exemplos. As idéias comtianas influíram nas constituições republicanas do Amazonas e do Espírito Santo.

Foi na segunda metade do séc. XIX que a doutrina positivista apareceu pela primeira vez no Brasil escrita em português, na Introdução dos *Elementos de Matemática* de Antônio Ferrão Moniz de Aragão, publicados na Bahia em 1858, declarando-se o autor da adepto da doutrina de Augusto Comte. A ação do Positivismo no Brasil lançava-se contra a posição filosófica de base espiritualista, então a única existente, cujos representantes principais eram Frei Francisco de Mont'Alverne, Domingos Gonçalves de Magalhães, Eduardo Ferreira França, Pe. Patrício Muniz, Soriano de Sousa e Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Nesse combate, estava o Positivismo ao lado do Materialismo e do Evolucionismo, que tinham lugar destacado entre os pensadores da época, mormente o segundo. A influência positivista, que foi preponderante nesta fase de renovação das idéias filosóficas no Brasil, começou a estender-se, a princípio, por meio de brasileiros que estudaram em França, alguns com o próprio Augusto Comte (José P. d'Almeida, Antônio Campos Belos, Agostinho Roiz Cunha e outros). Depois alargou seu campo em virtude de teses que diversos professores defendiam em escolas superiores, destacando-se as de Luís Pereira Barreto, *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*, em dois vol. e As

Três Filosofias. O centro principal de irradiação da doutrina era a cidade do Recife, através da chamada Escola do Recife, cujo iniciador foi Tobias Barreto que, com seu temperamento irrequieto, tomou posteriormente outros caminhos no domínio do pensamento. O mesmo ocorreu com outros dois vultos eminentes deste grupo, Sílvio Romero e Clóvis Bevilacqua, que passaram a orientar-se pelo Evolucionismo spenceriano, apesar da influência comtiana que os acompanhou sempre. A filosofia da Spencer, para esses dois pensadores, nada mais era que um desdobramento do positivismo comtiano, sua verdadeira adaptação à doutrina de Darwin. A conversão de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que desenvolveram grande atividade no setor do apostolado, foi importante para a expansão da doutrina no Rio de Janeiro. Nesta cidade, foi instalada e existe até hoje a Igreja Positivista, situada na Rua Benjamin Constant. Miguel Lemos e Teixeira Mendes idealizaram a bandeira da República, com seu dístico positivista "Ordem e Progresso". Segundo Ivan Lins, o apostolado, tendo em mente idéias de justiça e fraternidade, procurou dar assistência ao índio brasileiro. Durante muitos anos, esteve à frente do Serviço de Proteção aos Índios o conhecido e famoso positivista Cândido Mariano Rondon (v.), pioneiro em grande parte responsável pela criação das atuais leis de amparo aos índios.

Dentro do Comtismo, na época em que teve posição saliente nos quadros da vida pública brasileira, havia duas correntes doutrinárias: a primeira, o Positivismo ortodoxo, re

presentado pelos que não aceitavam qualquer renovação no espírito da doutrina, advogando, inclusive, "os aparatos do culto externo", que Comte havia prescrito para dar forma à religião da Humanidade; a segunda, a filosofia positiva compreendida dentro de uma área mais ampla, em que Comte representava papel saliente sem ser o autor exclusivo da doutrina. Consideravam o Positivismo, de acordo com Stuart Mill, simples adesão às criações dos grandes espíritos científicos, cujas descobertas foram capitais para a humanidade. Em virtude dessas divergências da segunda metade do séc. XIX e princípios do séc. XX os positivistas do Brasil entraram em choque. Os do segundo grupo dirigiram-se para dois setores, nos quais a doutrina comtiana poderia ser aceita sem a rigidez ideológica exigida pelos ortodoxos. Esses setores foram representados pela orientação dada ao Positivismo por Littré e pelo Evolucionismo de Spencer, em que a doutrina positivista encontrava um natural desenvolvimento incorporando a seus princípios as novas conquistas da ciência feitas pe-

lo Darwinismo. Na orientação de Littré, o Comtismo deixava de entrincheirar-se num sistema impenetrável, atendendo às exigências do pensamento científico, em constante progresso. Com essa atitude, o Positivismo no Brasil passou a ter em Spencer um amplificador da doutrina, assim como encontrou em Littré o seu reformador. Seus adeptos, embora divergindo, partilhavam idéias comuns, as da filosofia científica da época, tradução do termo Positivismo. Com o correr do tempo, porém, a dissidência criada por Littré, que tanto entusiasmo despertara a princípio, teve sua atração esgotada. Voltaram-se seus seguidores para o Comtismo ortodoxo ou incorporaram-se a outras correntes filosóficas.

Tal foi o último estágio do Positivismo no Brasil, porque de ciência, passou pouco a pouco a ser uma doutrina de influência geral, acolhida por limitado número de estudiosos, dentre os quais se destaca contemporaneamente Ivan Lins, e sem a força dinâmica que o caracterizava, principalmente no derradeiro quartel do século passado".

(A.X.T.)

#### PROCURA-SE ESCRITORES DESESPERADAMENTE

*Boletim de prestigiosa Associação de profissionais liberais disposta a descobrir talentos, oferece suas páginas a engenheiros que sejam escritores criativos, fantasiosos e com algum estilo.*

*Não é preciso ter boa aparência, dinheiro ou vestir-se na moda. A única preocupação deve ser com o texto. Poetas, cronistas, contistas e articulistas são bem-vindos, sem distinção de sexo, idade ou cor. Informações adicionais na página 19.*

TRIBUNA LIVRE

Essa seção ficará a disposição dos associados da A<sup>3</sup>P para opinarem sobre os mais variados assuntos da atualidade. Nesse número transcrevemos os artigos "Desvastação da Natureza: O Futuro como será?" do Eng<sup>o</sup> Sergio Henrique Sã Leitão e "O Cruzado da Indústria" do Eng<sup>o</sup> Matheus Schnaider, Presidente do Clube de Engenharia.

DÉVASTAÇÃO DA NATUREZA: O FUTURO COMO SERÁ ?

Eng<sup>o</sup> Sergio Henrique Sã Leitão

Diariamente, lemos nos jornais de notícias sobre a ação predadora das empresas mineradoras em atividade no País, sem que as autoridades constituídas e a sociedade brasileira, se mobilizem para cessar essa espoliação que vem causando sérios prejuízos à geração atual e as vindouras.

Recentemente, em um debate sobre "Política Brasileira de Minérios Estratégicos", promovido pelo Clube de Engenharia, discutiu-se intensamente sobre o problema, tendo os participantes levantado inúmeras questões controversas, sem, no entanto, chegar a qualquer proposta de ação imediata.

A conclusão a que se chega, é que as leis necessárias à proteção do meio ambiente, já foram quase todas feitas e o que falta é coragem e determinação para po-las em prática.

Em palestra no mesmo local, o Eng<sup>o</sup> Agrônomo Paulo Salles, do IBDF, declarou a propósito da ação refasta das mineradoras, na Floresta Nacional do Javari, em Rondônia:

"Nessa floresta tem predominado a

atividade de mineração, com prejuízos à natureza em geral. Para a retirada de cassiterita, por exemplo, ocorrem profundas escavações, de até 16 metros de profundidade, sendo o solo lavado hidraulicamente, havendo poucas possibilidades de ser recomposto após a extração do minério."

(...) "As Resoluções do CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente - estão aí. E os relatórios de impacto ambiental não estão sendo levados a sério."

A deputada federal Rachel Cândido, de Rondônia, em entrevista ao Jornal do Brasil, de 15.02.87, afirmou:

"Tiram nossos minérios e em troca só deixam buracos. Grandes buracos na terra e no peito do povo. Sai de lá cassiterita, ouro, diamante, que viram dinheiro em São Paulo e na América do Norte, principalmente. Desse acordo eu não participo. O norte bem tratado paga a dívida externa do país. Veja bem um exemplo do que estou falando. Ano passado a receita federal teve registro de que de Rondônia foram extraídos 300 quilos de ouro. Mas o Ministério de Minas e Energia sabe que de lá no ano passado foram extraídas mais de 15 toneladas de ouro. Só 300 quilos foram taxados. O resto se evaporou."

(...) "Cubro uma política mais decente em matéria de mineração. Não a guento esse faz-de-conta que defende os interesses nacionais. Será interesse nacional sugar tudo quanto é minério com a voracidade dessas multinacionais, como a Anglo-Americana, que suga o garimpo de diamante do

Rio Madeira e trata os garimpeiros a bala e a chicote ? Rondônia é o quartel-general das multinacionais mineradoras. O sul maravilha não sabe de nada. Lá tem escravidão ainda. Eu não tenho medo desses dragões que já tentaram me matar várias vezes. Medo a gente vence. Não tenho medo da Paranapanema. Da Brascom. Mas eles têm medo da nossa voz, não é ?"

(...) "Agora eu quero e trabalhar pelas mudanças. Quero sinceridade, respeito à palavra do povo. Chega de retórica. O parlamento está fraco porque vive só de retórica."

Como dizia, profeticamente, Alberto Torres, em seu "O problema nacional brasileiro", escrito em 1914:

"No Brasil, (...), seria de elementar prudência que os poderes públicos procurassem sustar a devastação das matas, feita, às vezes, para o nefasto desenvolvimento de culturas extensivas, outras com o único propósito de extração de madeiras e lenha; que procurassem manter as populações nas regiões já exploradas, desenvolvendo novas culturas, por processos intensivos; que estimulassem o gosto pelo amanho da terra e pela produção; que habituassem o homem à vida do campo, que fiscalizassem e corrigissem as alterações do clima, os acidentes meteoricos, o ressecamento de certas terras, o hãgamento de outras, o abandono, em suma, de quase todas onde a árvore do café parece por velhice; que, antes de tudo, promovessam a utilização destas últimas, recolonizando-as com elementos estrangeiros e, de preferência, nacionais, para poupar com zêlo, senão com usura, as riquezas ainda não exploradas".

Herbert Daniel, escritor e militante do movimento social carioca, em "Partido Verde - Propostas de Ecologia Política", vai mais além e propõe:

"A alternativa apontada pela ecologia, funda-se, portanto, no direito ao meio ambiente, de tal modo, que os cidadãos possam ter a tutela sobre seu meio, para impedir que qualquer interesse individual o danifique. É necessário estabelecer uma nova relação com a Terra. Toda atividade econômica deve ser considerada não apenas do ponto de vista quantitativo, mas do ponto de vista ecológico e coletivo, rejeitando-se aquelas atividades cujo impacto sobre o meio ambiente coloque em risco a vida que aí se desenvolve. As tecnologias a serem adotadas devem ser controladas pela comunidade e pelas organizações populares, descentralizando e desburocratizando as opções tecnológicas".

Carlos Minc, recentemente eleito deputado estadual no Rio de Janeiro, declara no livro citado anteriormente:

"Nosso país só terá um desenvolvimento ecologicamente viável, numa sociedade profundamente democrática, onde a população tenha poder de fato sobre a organização da economia e do uso do espaço; que tenha o poder de reinventar novos direitos que ampliem seus espaços de autonomia e liberdade".

Do "Código de Ética Ambiental para Engenheiros", aprovado na X Assembleia Geral da Federação Mundial das Organizações de Engenheiros (FMOI), realizada na Índia, em 1985, transcrevemos o seguinte trecho:

"Recorde-se que a guerra, a miséria e a ignorância, além dos desastres naturais e a contaminação e a destruição de recursos induzidos pela atividade humana são as principais causas da progressiva deterioração do ambiente, e que você, como um profissional de Engenharia, profundamente comprometido com a promoção do desenvolvimento, deve usar o seu talento, conhecimento e imaginação para ajudar a sociedade a eliminar os males e melhorar a qualidade de vida de todos os homens".

Os rios, as matas, os peixes, as aves, a flora, enfim, todas as riquezas naturais, são um patrimônio inalienável daqueles que habitam a Terra. No entanto, cada geração destrói, pela ambição individual desenfreada, fontes preciosas de valores inestimáveis. No Brasil, a ação transformadora da superfície terrestre pelos seres humanos, tem se caracterizado por crimes irreparáveis, como, o esgotamento do solo, incêndio de florestas, exterminação da fauna e saque de minérios. A falta de preocupação generalizada com a conservação ou reconstituição dos ambientes ecológicos resultará em consequências prejudiciais a vida das gerações futuras em nosso País. É preciso alertar a Nação quanto a essas práticas daninhas e promover a mobilização da opinião pública para, senão, acabar, pelo menos, atenuar os efeitos desastrosos ao meio ambiente das mesmas e exigir das autoridades constituídas a aplicação das leis existentes, sem se intimidar jamais com o poder daqueles que devastam, poluem e envenenam a natureza.

## O CRUZADO DA INDÚSTRIA

Eng<sup>o</sup> MATHEUS SCHNAIDER

Presidente do Clube de Engenharia

O Brasil prescinde urgentemente de uma política industrial clara, que assegure ao povo brasileiro não só o suprimento de produtos industrializados para melhoria de seu padrão de vida, como também empregos em número crescente, cuja demanda é gerada por um crescimento populacional a taxas acima de 2,5% ao ano, e que já chegam quase a 2 milhões de novos empregos ao ano.

Uma série de questões relevantes, que inevitavelmente envolvem posturas ideológicas para suas definições e/ou soluções, permanecem sem tratamento prioritário ou definições. Entre elas podemos citar:

- Reserva de mercado para a química fina (em geral), biotecnologia, mecânica fina, etc.
- Participação do capital estrangeiro, capital privado e capital do estado no desenvolvimento brasileiro.
- A padronização (metrologia), como forma de assegurar a qualidade, baixar os custos e integrar o Brasil em mercados internacionais.
- Modelo tecnológico. Desenvolvimento próprio versus tecnologia importada.
- Política aduaneira e barreiras alfandegárias no contexto de uma política industrial não casuística.

Estas e outras questões não podem mais permanecer no campo das indefinições, incertezas e das lutas internas interministeriais pelo domínio dos órgãos governamentais. A hesitação da Nova República postergando de

finições urgentes de uma política industrial vem atrasando o Brasil em relação às suas potencialidades, prejudicando o País em seu esforço de desenvolvimento e em sua competitividade internacional, afetando negativamente o nível de emprego, tornando o parque industrial obsoleto, com altos custos e má qualidade, entre muitos outros prejuízos que vem sofrendo o País.

Agora que o quadro político do País está definido e o assunto foi amplamente debatido, é preciso que o Presidente Sarney tenha a mesma de

terminação que teve na edição do Plano Cruzado, decidindo o modelo industrial do Brasil para os próximos anos, de forma a preservar nossa soberania, garantir nosso desenvolvimento baseado em tecnologia própria e adotando aquelas políticas que melhor atenderem aos interesses da Nação brasileira.

O voto de confiança que a Nova República recebeu do País, precisa ser convertido em realizações e a palavra está com Vossa Excelência, Senhor Presidente !

\* \* \*

### E... A TRIPULAÇÃO ?

Em seus lares aproveitando o lazer proporcionado pela Semana Santa, para exercitar sua criatividade e fantasia na preparação de colaborações capazes de abrilhantar as páginas do Boletim de sua Associação.

#### DIRETORIA

Durval Coutinho Lobo - Presidente; Nestor de Oliveira Junior - 1º Vice-Presidente; Paulo José Pardal - 2º Vice-Presidente; Paulo Moreira Pinho - Diretor Administrativo; Léo Fabiano Baur Reis - Vice-Diretor Administrativo; Cleofas Paes de Santiago - Diretor Secretário; Sergio Henrique São Leitão - Vice-Diretor Secretário; Gerhard Vasco Weiss - Diretor 1º Tesoureiro; Henri Uziel - Diretor 2º Tesoureiro; Marconi Nudelman - Diretor Técnico-Cultural; Octavio Reis de Cantanhede Almeida - Vice-Diretor Técnico-Cultural; Alcina Koenow Pinheiro - Diretor de Cursos e Luiz Carlos de Almeida - Diretor Social.

#### CONSELHO FISCAL

EFETIVOS: Attilio Geraldo Vivacqua, José Mariotte de Lima Rebello e Jayme Kritz

SUPLENTE: Afonso Henriques de Brito, Gilda Maria Teixeira Uflacker e João Pacheco Netto

#### CONSELHO DIRETOR

MEMBROS VITALÍCIOS - EX-PRESIDENTES: Leizer Lerner (Presidente de Honra), Antônio José da Costa Nunes (Sócio Benemérito), Hugo Cardoso da Silva e Nestor de Oliveira Junior. SÓCIOS BENEMÉRITO: Hélio Mello de Almeida e Maurício Joppert da Silva. SÓCIOS HONORÁRIOS: Marcos Carneiro de Mendonça e Mário Antônio Barata.

MEMBROS NATOS: Diretor da Escola de Engenharia: Prof. Antônio Claudio Gomes de Souza; Presidente do Clube de Engenharia: Matheus Schnaider; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros: Paulo Moreira Pinho e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia:

MEMBROS ELEITOS: Gregório Vaisberg - Presidente; Alberto Azevedo Ferrão; Alberto do Amaral Ozorio; Antonio Manoel de Siqueira Cavalcanti; Bernardo Griner; Cairo da Silva Leite; Carlos Cezar Machado; Clara

Perelberg Steinberg; Darcy Aleixo Derenusson; Eryx Albert Sholl; Fernando Emmanuel Barata; Heitor Lisboa de Araujo Costa; Heloisa Fraenkel; Henrique Bevilhaqua Fraenkel; Homero Henrique Rosa Rangel; Izidro Pinto da Rocha Filho; Jacob Steinberg; Jayme Bloch; Marcílio Nolding da Motta; Marisa Vianna Ballariny; Nanto Junqueira Botelho; Samuel Sztyclic; Siegfriedo Rosner Gottschalck; Sophia Machado Portella e Sydney Martins Gomes dos Santos.

x x x

### CALENDÁRIO DOS SÓCIOS ANIVERSARIANTES

A todos os companheiros, que aniversariam em junho e julho, nossos afetu<sub>o</sub>s abraços, acompanhados dos melhores votos de felicidade.

#### ANIVERSARIANTES DO MÊS DE JUNHO

- |   |  |
|---|--|
| 01- Zeferino Martins de Oliveira(66)<br>246-7403              | - José Moacyr de Andrade Sobrinho<br>(27) 245-0220           |
| 02- Salo Brand (30) 265-1026                                  | - Roberto Arnaldo Nudelman (75)<br>222-5934                  |
| 05- Aguinaldo Barbosa Romero (68)<br>249-8495                 | 16- Lourival Almeida do Valle (46)<br>2-3443 - Niteroi-RJ    |
| 06- Heitor Lisboa de Araujo Costa<br>(46) 552-0383            | 17- Anna Margarida da Costa Couto e<br>Fonseca (56) 274-7035 |
| - Luiz Ghitnick (55) 551-5608                                 | - Jayme Bloch (44) 551-2715                                  |
| 07- Antonio Manoel de Siqueira Caval<br>canti (35) 551-3868   | - Paulo Gentile de Carvalho Mello<br>(44) 259-9566           |
| - Aroldo Batista Guimarães (55)<br>265-6637                   | 18- Antonio José Brandão de Carvalho<br>(73) 208-9023        |
| 08- Antonio Carlos Barbosa Teixeira<br>(50) 205-1480          | - Carlos Durra (70) 258-6751                                 |
| - Walter Hartt (75) 227-3811                                  | - José Madeira Soares (55)<br>268-5729                       |
| - Zegert Johannes de Rooij (43)<br>722-4346 - Niteroi-RJ      | - Marcio Marques Moreira (55)<br>551-4017                    |
| 09- Ary Jayme Ferreira (62) 235-1665                          | - Michel Dib Chacur (47) 225-1713                            |
| - Carlos Henrique Correa Poppe de<br>Figueiredo (58) 294-0934 | 19- Edson Goulart Bastos (73)<br>281-0489                    |
| - Luiz Ribeiro Soares (27)<br>227-6503                        | - João Alberto Bandeira de Mello<br>(55) 259-6459            |
| - Rodolpho Luiz Darigo (55)<br>223-1760                       | 20- Alexandre Henriques Leal (32)<br>227-5429                |
| 11- Jorge Luiz Barroso Antunes (68)<br>288-8637               | - Boruch Milman (49) 240-8050                                |
| - Nelson Correa Monteiro (33)<br>287-7643                     | 21- Theophilo Benedicto Ottoni Netto<br>(44) 393-9496        |
| - Sergio Henrique Sã Leitão (59)<br>287-5211                  | 22- Herman Glanz (58) 234-9143                               |
| 12- Albert Amand de Berredo Botten-<br>tuit (52) 265-3746     | 23- Tarciso José Villela (39/40)<br>551-6565                 |
| - Carlos Danilo Castelo Branco<br>(58) 242-4515               | 24- Geraldo Neiva (34) 268-6468                              |
| - Francisco Morand (44) 225-1904                              | 25- Julio Xavier Rangel (59)<br>43-5037 - Brasília-DF        |
| - Hélio Mello de Almeida (43)<br>287-8669                     | 26- José Couri Netto (67) 236-7701                           |
| - José Osorio do Nascimento (48)<br>287-2185                  | - Saul Fuks (50) 227-7572                                    |
| 13- Antonio Sergio Cordeiro Delgado<br>(60) 288-0573          | 27- Juvenal Antonio Villela (66)<br>229-5959                 |
| 14- Ary Figueiredo de Medeiros (66)<br>357-1134               | - Vasco Gomes Moreira (55)<br>235-6270                       |
| 15- Alexandre Pinheiro Ninho (66)<br>294-9020                 | 28- Pedro Vieira de Castro (41)<br>226-1224                  |
| - Fernando Wilson Peres (55)<br>711-6799 - Niteroi-RJ         | 29- Henrique Wainel (59) 275-7419                            |
|   | - Ivan Camargo da Costa (63)<br>264-1621                     |
|   | 30- Marisa Vianna Ballariny (52)<br>551-7308                 |

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE JULHO

- |   |  |
|---|--|
| 01- João Luiz Lopes Bentes (36)<br>294-5674<br>- Vanderlei Bertoldi de Azevedo<br>(66) 265-0083   | 12- Maurillo Galindo Coutinho (36)<br>267-0516   |
| 02- Antonio Pagy (61) 265-9205<br>- Antonio Wilson Coutinho Marques<br>(46) 264-0608<br>- Meyer Chess Diamante (57)<br>225-3488   | 13- Alberto Caruso (51) 246-2364<br>- Aron David Davidovitsch (69)<br>247-4511<br>- Jorge Alceu Amoroso Lima (55)<br>2-8149 - Campinas-SP  |
| 03- Iancel Ghelman (56) 235-0626<br>- Luiz Paulo Curvello Vallim (56)<br>294-3128<br>- Paulo Cezar Pinto (66) 342-2715<br>- Servio Tullio dos Santos Sã<br>(39) 260-9073<br>- Silvio de Souza Lima (74)<br>201-0232 | 14- Accacio Gomes (50) 245-8547<br>- Linneu Faria da Camara Leal (46)<br>226-8501  |
| 05- Gerhard Vasco Weiss (55)<br>286-5759<br>- Luciano Brandão Alves de Souza<br>(47) 242-2594 - Brasília-DF<br>- Marcio Guimarães da Cunha (66)<br>268-2800<br>- Remy Bayma Archer da Silva (38)<br>259-3458        | 16- Antonio Montefusco de Assis<br>(44) 521-2540<br>17- João Kubitschek de Figueiredo<br>(24) 521-4874<br>19- Luiz Fernando Frazão Busse<br>(68) 267-4135<br>- Mario João Nigro (33/44)<br>51-1235 - São Paulo-SP  |
| 06- Aricio Abreu Travassos (47)<br>288-3316<br>- Francisco Gonçalves (43)<br>230-5105<br>- Ruben Descartes de Garcia Paula<br>(23) 226-9676   | 20- Catullo Pestana Magalhães (40)<br>241-6689 - São Paulo-SP<br>22- José Luiz Cardoso (52) 247-0362<br>23- Kleber Rodrigues Pereira (70)<br>265-6191<br>- Waldemar Craizer (44) 227-8264<br>25- Alberto Coelho Santana (50)<br>66-1976 - Santo André-SP<br>- Carlos Saboia Monte (62)<br>226-5727<br>- João Pacheco Netto (55) 225-5400<br>- José Mauricio Baptista Nogueira<br>(56) 245-0796 |
| 07- Humberto Cyrilo Gouthier de Vilhe<br>na (63) 242-3023<br>- Walter do Couto Pfeil (49)<br>233-7788   | 26- Pedro Luiz Murgel Taveira (55)<br>393-8246<br>27- Jorge Kotlarewski (79)<br>722-1338 - Niteroi-RJ<br>- Marcello Penna da Veiga (33)<br>247-1930<br>- Pedro Morand (39) 265-3888<br>- Wilhelm Brada (58) 235-1908   |
| 08- Thomaz Pompeu Rossa Filho (70)<br>247-7491  | 28- Heitor Lopes Correa (37)<br>267-1636   |
| 09- Heloisa Fraenkel (46) 267-0686<br>- Manoel Felisberto da Silva (63)<br>286-3783   | 29- Nilton Able (49) 261-3268<br>- Ricardo Greenhalgh Barreto Filho<br>(47) 231-4192   |
| 10- Mauro Thibau (45) 274-0200<br>- Valerio Joffe (54)<br>- Josephus Maria Franciscus Zaeyen<br>(53) 225-5176   | 30- Jorge Saliba Calil (55)<br>223-0897 - Vitória-ES<br>31- Adelino Simões de Faria (44)<br>295-9380<br>- José Mariotte de Lima Rebello<br>(52) 227-5363   |
| 11- Joaquim Francisco Capistrano do<br>Amaral (44) 274-1069<br>- Luiz Manoel Paiva Nunes (79)<br>796-2049 - Mesquita-RJ<br>- Luiz Roberto da Veiga Brito (51)<br>226-9228   |  |

C O N G R E S S O S

- O Clube de Engenharia realizará este ano os seguintes Congressos:
- II CONGRESSO BRASILEIRO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE, de 29 de junho a 3 de julho de 1987, no Clube de Engenharia - Av. Rio Branco, 124 - 18º andar. Informações 221-6177 - Ramal 239
  - IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ENERGIA, de 17 a 21 de agosto de 1987, no Rio de Janeiro - Hotel Glória. Informações - COPPETEC - Caixa Postal 68513 - CEP: 21.945 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: 280-8832 - Ramal 421.

O BOLETIM DA A<sup>3</sup>P PRECISA I COLABORAÇÃO DE SEUS LEITORES

Os associados da A<sup>3</sup>P são convidados a colaborar na elaboração do Boletim, enviando artigos, poesias, crônicas, contos e resenhas para publicação.

Estão abertas no Boletim da A<sup>3</sup>P os seguintes espaços para que os associados possam exercer seu poder de criatividade e imaginação:

TRIBUNA LIVRE

Artigos para expressar a opinião dos associados sobre os mais palpitantes assuntos da atualidade ou sobre o exercício profissional da Engenharia.

ENGENHO & ARTE

~~Crônicas, contos ou poesias escritas pelos nossos leitores ou relatos sobre aspectos da sua vida particular que tenham interesse geral ou ainda, contando sua participação em assuntos relativos a defesa da coletividade.~~

RESENHA LITERÁRIA

Comentários sobre os livros lidos e que agradaram nossos associados.

DOCE DELEITE

Aqueles que em suas atividades profissionais tiverem oportunidade de participar de acontecimentos interessantes e pitorescos têm as páginas de nosso Boletim abertas para contar suas experiências.

CIDADES FASCINANTES

Os associados da A<sup>3</sup>P sendo, viajantes eméritos, conhecem o Brasil e o mundo inteiro e, por isso, aproveitam as páginas de seu Boletim para descrever suas maravilhosas viagens.

Eis aí, portanto, a oportunidade esperada para que os associados da A<sup>3</sup>P possam exercitar seus pendores literários e ao mesmo tempo, comunicar aos demais associados da A<sup>3</sup>P suas aspirações e experiências ou mostrar sua participação nas transformações que vão se processando, diariamente, na vida cultural brasileira.

LIVRO À VENDA

A NOSSOS ASSOCIADOS, ENGENHEIROS E PROFESSORES EM GERAL QUE AINDA NÃO ADQUIRIRAM O LIVRO "ESCOLA POLITÉCNICA DO LARGO DE SÃO FRANCISCO - BERÇO DA ENGENHARIA BRASILEIRA", DE AUTORIA DO PROF. MÁRIO BARATA, PODERÃO AINDA FAZÊ-LO EM NOSSAS SEDES.

## ENGENHO &amp; ARTE

Esse espaço foi aberto, em nosso boletim, para as manifestações da criatividade dos associados da A<sup>3</sup>P, seus familiares ou amigos engenheiros. Enviem suas colaborações, seja a descrição de um invento, uma poesia, um conto ou mesmo, um desenho.

Nesse número trazemos os engenheiros Eraldo Márcio Corrêa e Luiz Fernando Perdigão de Oliveira, através da transcrição das reportagens "Uma transformação rendosa" e "Clínica Moderna S.A.", publicadas no Jornal do Brasil de 30.01.87 e Tribuna da Imprensa, de 31.01.87, respectivamente.

## UMA TRANSFORMAÇÃO RENDOSA

O tiro que matou o industrial Paulo Ferraz despertou no seu empregado, engenheiro naval Eraldo Márcio Corrêa, um sentimento de impotência diante da crise em que mergulhava o estaleiro Mauá. O engenheiro decidiu mudar de ramo: abriu o restaurante Art Vert Saladeria, em Niterói, e em dois anos triplicou sua renda mensal e multiplicou por 100 o seu patrimônio, vendendo 600 refeições por dia.

Eraldo está procurando um novo ponto para ampliar seu negócio — nos fins de semana os consumidores de comida natural fazem fila diante de seu restaurante —, mas não esquece os momentos amargos da transição de emprego para microempresário. Por isso distribui entre os clientes um texto traduzido de uma inscrição de autor desconhecido na igreja de São Paulo, em Baltimore, nos EUA, em 1692, que diz o seguinte: "Se você se comparar com outros, poderá se tornar vaidoso e amargo, pois sempre

haverá pessoas superiores e inferiores a você. Crie força de espírito para proteger-se na desgraça repentina. Porém, não se aflija com coisas imaginadas. Muitos temores nascem do cansaço e da solidão. Você é um filho do universo, não menos que as árvores e as estrelas: você tem o direito de estar aqui e se lhe é claro ou não, o universo, sem dúvida, está se desenvolvendo como deve."

Quando saiu do estaleiro Mauá, em abril de 1985, Eraldo estava muito deprimido. Mas começou a procurar o caminho do seu próprio negócio, observando no Rio o tipo de comércio que faria sucesso em Niterói. Decidiu-se pela comida natural — outros engenheiros navais desempregados tentaram criar peixe, camarão, rã, sem grande sucesso — e convidou para sócio o projetista Victor Sérgio Rodrigues, que também trabalhava no estaleiro do grupo Ferraz. Com o apoio do sogro, proprietário de uma casa em Icaraí, abriu a saladeria no dia 29 de maio. Agora dá a receita do sucesso:

"Quando você quiser se lançar num negócio próprio, primeiro faça uma pesquisa de mercado séria: veja o que os outros estão vendendo ou produzindo, quanto seus possíveis clientes estão gastando, quanto o dono do negócio está ganhando por mês. Antes de abrir a saladeria eu entrava no restaurante dos outros e prestava muita atenção ao movimento: ao fim de algum tempo já podia imaginar quanto cada mesa estava rendendo. Além de uma boa idéia, é preciso ter muita vontade de trabalhar: ganho

três vezes mais do que no estaleiro Mauá, mas também trabalho cinco vezes mais e me preocupo 10 vezes mais", garante Eraldo.

Preocupado com os rumos da economia nacional (...), Eraldo vê a saída na iniciativa privada: "O que pode nos salvar é a produtividade. Para tocar o meu negócio trabalho mais do que um paulista", disse. Ele teme que o governo use a ameaça de moratória para encobrir as graves questões nacionais, entre as quais coloca o déficit público. Quanto a abrir um novo restaurante, no momento em que se restabelece a ciranda financeira no país, parece-lhe adequado. Ele explica: há dois meses um ponto comercial do seu interesse valia Cz\$ 2 milhões, mas agora o comerciante interessado em passá-lo adiante já aceita Cz\$ 1 milhão 800 mil, pensando em viver de renda.

"Quero investir no meu negócio, não vou me acomodar. Pretendo formar um bom patrimônio e criar a minha equipe, passando então a administrar várias casas. Estou tentando descobrir o meu limite. Na vida é preciso ver até onde se pode ir", concluiu o engenheiro naval que abriu um restaurante.

X

#### CLÍNICA MODERNA S.A.

Engenheiro e doutorando em economia, Luiz Fernando Perdigão de Oliveira, carioca de 27 anos, faz sua estréia como contista.

Acabam de chegar às livrarias vinte e nove contos que fundamentalmente compõem um paisel crítico da sociedade, recheados de humor, com uma proposta que se anuncia logo nas pri-

meiras linhas"... histórias curtas, cuja evolução parece encaminhar o final a um simulacro de início."

Clínica Moderna S.A. é de Luiz Fernando Perdigão de Oliveira, um carioca de 27 anos, engenheiro e doutorando em economia. Fato meio raro, alguém da área técnica se propor a fazer literatura fora da sua especialidade, o autor surpreende ao se revelar um apaixonado por Jorge Luiz Borges, Kurt Vonnegut e Kafka. E um amante da poesia, cujos expoentes máximos, para ele, no Brasil, são Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Mello Neto.

E foi justamente esta boa leitura feita ao longo do tempo que de uns dois anos para cá despertou em Perdigão a vontade de "estabelecer um diálogo com tudo que havia lido". Começou então a escrever contos e chegou a esboçar um romance que, no entanto, ficou inacabado.

Não se trata de uma autobiografia, segundo Perdigão, que o considera mesmo um exercício de escrever, embora o ponto de partida, algumas vezes - admite ele - esteja ligado a experiências pessoais. O forte, contudo, é a crítica disparada em várias direções. A começar pelo conto que dá nome ao livro, Clínica Médica S.A. questionando a ética médica, inspirado na morte de Tancredo Neves.

Dos Super-Heróis é um conto que a borda a inexistência de ídolos no Brasil e acaba por concluir que aqui neste país este culto nunca dá certo. Há também O Caso da Cliente Loura, a mais longa das histórias, onde o autor faz um elogio aos romances policiais. E um outro, A Construção,

considerado por Perdigão um conto de paródia política, baseado nas críticas que são feitas aos grandes projetos que povoam a cabeça de Leonel Brizola.

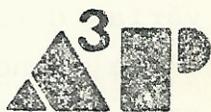
Já com outros contos prontos, inclusive um que deve virar novela, Perdigão avisa que, se realmente pintar a carreira de escritor, ele vai-se desvincular totalmente da empresa. "Aliás, se houver uma segunda edição de Clínica Médica S.A., já virá independente", observa.

Reconhecendo a dificuldade que os contistas têm em se tornar conhecidos no Brasil, Perdigão acha que eles precisam primeiro divulgar seus

contos através de jornal para só depois juntá-los em livro, o que, no seu entender, gera certo desinteresse por parte do leitor na hora de adquirir o livro.

Mesmo assim, ele está confiante e é o primeiro a torcer para que tudo dê certo. E dentro do gênero que escolheu, cita belos exemplos que lhe servem de estímulo, como Carlos Eduardo Novaes, Ivan Lessa, Millôr Fernandes e Luiz Fernando Veríssimo, com o qual mais se identifica.

Falando em qualidade, Clínica Médica S.A., num perfeito acabamento, tem ótimas ilustrações de Guidacci.



BOLETIM OFICIAL de

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

SEDE ADMINISTRATIVA: Clube de Engenharia - Av. Rio Branco, 124 - 23º andar - Tel.: 222-4598

SEDE SOCIAL: Escola Nacional de Engenharia - Largo de São Francisco - Tel.: 221-2936

Editado sob a responsabilidade da Diretoria - CIRCULAÇÃO INTERNA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



IMPRESSO